

EDITORIAL

O DESAFIO DA ATENÇÃO A GRUPOS ESPECIAIS

• *a saúde do adolescente* •

Augusto Cesar Costa Cardoso

Neste primeiro número de 2015, a Revista Enfermagem Contemporânea inicia a publicação de uma nova série de artigos, denominada O desafio da atenção a grupos especiais. Iniciado nesta edição com a saúde do adolescente.

Segundo Dias,⁽¹⁾ a adolescência o período em que se verificam mudanças na relação com o corpo próprio e com o semelhante; onde se estabelece novas escolhas e laços, podendo, desta forma, ocorrer em outra temporalidade que a da puberdade, o que é comprovado pela dificuldade de estabelecer os seus limites, ou seja, a adolescência é também o momento da existência em que o sujeito experimenta pela primeira vez um sentimento de estranheza em relação ao seu corpo e as dificuldades serão resolvidas por atos que permitam, mesmo que parcialmente, alguma saída para os conflitos.

O adolescente, sobretudo o que vive na periferia dos grandes centros, marginalizado e vítima da violência urbana não recebe dos programas de saúde um atendimento específico⁽²⁾ e em consequência, geralmente, são deixados de fora dos programas de atenção coletiva na esfera governamental, os quais na maioria das vezes são voltados às crianças pré-escolares e escolares. Em muitos serviços de saúde não raramente o mesmo acontece quando da definição dos grupos prioritários para assistência individual, inclusive por conta de algumas dificuldades encontradas por muitos profissionais de saúde em construir relações livres de pré-conceitos com jovens que vivenciam momentos muito particulares e muitas vezes conflituosos nesta fase da vida.

Guardadas as diferenças de contexto, a adolescência traz, então, significativas mudanças qualitativas e quantitativas nas esferas de atividade do sujeito. Aspectos como a maior autonomia de circulação social, mudanças no campo da autopercepção e auto-imagem, a adesão a novos grupos de pares, a adoção de novos papéis na família e no trabalho, as conquistas no plano da auto-regulação da atividade e a adoção de perspectivas projetivas quanto ao futuro são fatores que concorrem para a ressignificação da relação do adolescente com o grupo familiar e social, à medida que ele passa a integrar novas posições nos sistemas semióticos e, como consequência, a adotar novas configurações identitárias.⁽³⁾

Soares⁽⁴⁾ chama a atenção de que não se pode negligenciar de que a saúde e o corpo são os principais referentes da noção de felicidade na atualidade, o que somente complexifica as abordagens nos serviços de saúde. Desta compreensão, podemos sugerir que as sensações corporais experimentadas

pelos indivíduos e as interpretações dos profissionais de saúde dadas a estas sensações serão feitas de acordo com códigos específicos a estes dois grupos.

A capacidade de pensar, exprimir e identificar estas mensagens corporais está ligada a uma leitura que procura determinar significação. Esta leitura está na dependência direta da percepção de corpo e doença vigente em cada grupo. Neste sentido o corpo pode ser tomado como um suporte de signos, ou seja, suporte de qualquer fenômeno gerador de significação e sentido.^(2,5)

Como exemplo, Ferreira⁽⁵⁾ explica que a sensação de dor, os comportamentos que a envolvem, quer verbais ou não, até as atitudes que visam remover ou não a sua fonte dizem respeito às expectativas do sujeito, às suas experiências passadas e, principalmente, a toda sua bagagem cultural, entretanto, a observação mostra que não é a dor que varia conforme a classe, mas sim a continuidade das atividades e a busca de alívio do sintoma.

Desta forma, Melo⁽²⁾ destaca a real importância de uma melhor atenção ao adolescente em serviços de saúde, quando da necessidade de percebê-los enquanto sujeitos e não apenas objeto da ação e para isso o conhecimento dos significados atribuídos dos mesmos aos processos saúde-doença, sua experiência com o serviço de saúde e com os profissionais, além de seus sentimentos e vivências relativos a certos conflitos próprios desta fase de desenvolvimento, no contexto sócio-econômico em que vivem, tais como sua relação com o corpo e as situações de risco vivenciadas por eles.

Entretanto, além das interações com as pessoas de seu entorno e com diversos dados do meio, os adolescentes recebem uma massa considerável de informações e imagens por intermédio da mídia.^(6,7) Tal fenômeno foi qualificado de escola paralela e poderia ser utilizado de forma a facilitar novas aprendizagens e informações de saúde.

Os resultados de uma pesquisa reafirmaram como foram importantes as ações em grupo com adolescentes para que estes percebessem a necessidade de transformação da realidade e da mudança de comportamentos para aderirem a hábitos saudáveis e atitudes positivas,⁽⁸⁾ reafirmando as ações coletivas como estratégias na atenção a saúde do adolescente, juntamente com outras educativas e comunicacionais defendidas na atualidade e corroborando com os resultados de um programa,⁽⁹⁾ onde os adolescentes adquiriram conhecimentos sobre os temas desenvolvidos, referentes a questões específicas dessa fase de desenvolvimento, por intermédio de uma equipe multiprofissional.

REFERÊNCIAS

1. Dias S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. *Psicol. USP.* 2000;11(1). [acesso em 25 jul. 2015]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=SO103-65642000000100008&script=sci_abstract&lng=pt
2. Melo AM. Saúde e doença: a experiência do adolescente "jovem cidadão". *Ciênc. saúde coletiva*, 2000;5 (supl.):165-166.
3. Soares GB. O valor do corpo na construção da felicidade. Rio de Janeiro: *Ciênc. saúde coletiva*, 2000;5 (supl.):227.
4. Hermans JM. The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Cult Psychol.* 2001 [acesso em 25 jul. 2015];7(3):243-282. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci...7372200600020002200033...
5. Ferreira J. O corpo sígnico. In: Alves PC, Minayo MCS. (organizadores). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz;1994. p. 101-112.
6. Lauwe MC, Feuerhahn NA. Representação social na infância. In: Jodelet D. (organizador). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ; 2001. p. 281-300.

7. Jodelet, D. Representações sociais: um domínio de expansão. In: Jodelet D. (organizador). As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ; 2001. p. 17-44.
8. Macedo EOS, Conceição MIG. Group actions to promote adolescents' health. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. 2013 [acesso em 25 jul. 2015];23(2):222-230. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822013000200016&script=sci_arttext
9. Faustini DMT, Novo NF, Cury MCFS, Juliano Y. Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. Rio de Janeiro: Ciênc. saúde coletiva. 2003 [acesso em 25 jul. 2015]; 8(3):783-790. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000157&pid=S1413-812320090003000014&lng=pt